



Wallace da Silva Mello

Licenciado em História e Especialista em Política Brasileira (UNIFSJ). Mestre e doutorando em Sociologia Política (UENF). Atualmente é professor de História na Secretaria Estadual de Educação-RJ.

HIRSCHMAN, Albert. A Retórica da Intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ISBN: 9788535932362

A *Retórica da Intransigência* (2019) é obra de autoria de Albert Hirschman. Alemão, atuou nas universidades de Yale, Columbia, Harvard e Princeton falecendo em 2012, aos 97 anos. O livro conta com prefácio e 7 capítulos em 188 páginas, onde o autor analisa a proposta básica, a retórica conservadora reacionária. Hirschman ainda propõe outros dois capítulos onde discute, em uma atitude dialética, as teses combinadas e a retórica ‘progressista’. O autor analisa o discurso conservador ao longo dos últimos três séculos. Sua tese, apresentada no capítulo um, é que há elementos argumentativos conservadores semelhantes e que podem ser categorizados como: a tese da perversidade, da futilidade e da ameaça.

A primeira tese, a da perversidade, é apresentada no capítulo dois. Ela é caracterizada pela crença de que “a tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção fará com que ela, sim, se mova, mas na direção contrária” (HIRSCHMAN, 2019, p. 23). O autor demonstra que nos três séculos selecionados houve quem defendesse que as mudanças políticas, econômicas e sociais pretendidas ao invés de transformar positivamente a sociedade, traria consequências negativas. Seria o “tiro pela culatra”. Essa concepção, portanto, pontua a degenerescência das transformações sociais. Durante o período da Revolução Francesa, a principal voz foi o pensador Edmund Burke. Burke visualizou antecipadamente toda a degeneração do novo regime, que ao buscar mais direitos para o povo, acabou entregando “massacre, tortura e força” (HIRSCHMAN, 2019, p. 24).

Joseph de Maistre também elaborou suas críticas à revolução. O autor considerava que ela criaria perversidade, visto que tentava construir um “novo

mundo” de valores afastados daqueles da tradição do Antigo Regime. Por isso, a Providência (Deus) se encarregaria de envergonhar os homens, humilhando aqueles que se colocam contra os desígnios da sociedade. Segundo esta interpretação, o homem estaria fadado ao ridículo, na medida em que se pensa livre e capaz de transformar a sociedade.

Para Hirschman, a síntese entre essa filosofia pessimista da história, as teses da perversidade e o pensamento moderno encontra-se no Romantismo e em sua crítica à modernidade. Nesse sentido, o autor destaca que Adam Smith e sua filosofia moral individualista exerceram forte influência no campo da economia. Sua concepção de autorregulação do mercado tornou-se predominante, onde qualquer ação de auxílio ou de intervenção na economia é vista como negativa.

No capítulo três, Hirschman apresenta sua segunda tese: a da futilidade. Esta seria caracterizada pelo argumento que diz “que a tentativa de mudança é abortiva, que de um modo ou de outro qualquer suposta mudança é, foi ou será, em grande medida, de fachada, cosmética, e, portanto, ilusória, pois as estruturas profundas da sociedade permanecerão intactas” (HIRSCHMAN, 2019, p. 54).

Retomando o progresso iluminista, neste ponto o movimento é contrário: é a permanência que importa. Alexis de Tocqueville preocupou-se com a diferenciação entre o discurso revolucionário francês e o que efetivamente mudou. Na visão de Hirschman, Tocqueville ressaltou que várias inovações e transformações que teriam surgido a partir da Revolução Francesa já estavam sendo gestadas ou mesmo sendo implementadas durante o período do Antigo Regime. A tentativa de se gestar uma nova sociedade seria nula.

Nesse mesmo sentido, o argumento de Gaetano Mosca revitalizou quase ao extremo o voto. Se há uma tendência histórica de formação de grupos que capturam e centralizam o processo decisório político – a teoria das elites –, por que expandir os direitos políticos? O voto não seria eficiente tendo em vista que o poder permaneceria distante do povo. A democracia ganharia contornos cênicos e cínicos.

Hirschman ainda argumenta que a tese da futilidade guarda em si uma certa concepção de processo histórico marcado pela desesperança. O espaço de intervenção humana é reduzido ao mínimo, e aqueles que planejam ações de transformação de alguma esfera social são hipócritas e maquinadores. Assim, muitas vezes estão agindo em razão própria (HIRSCHMAN, 2019, p.85).

A tese da ameaça, tema do capítulo quatro, apresenta uma retórica de que qualquer avanço pode pôr em risco o que já se tem. Os opositores da inclusão de novos eleitores na

Inglaterra do século XIX argumentavam sobre o risco da aprovação da legislação: risco à liberdade, à propriedade, à margem de lucro, aos ganhos econômicos, ao avanço tecnológico. A grande questão que colocavam e apresentavam como base de suas críticas era o medo de perder toda a estrutura social, política e econômica já conquistada.

No debate sobre os rumos da política de *Welfare State*, Friedrich Hayek argumentou que qualquer expansão da participação do Estado tenderá a ameaçar a liberdade. Samuel Huntington, por sua vez, apresentou a tese de que a crise de governabilidade estaria intimamente ligada ao aumento irresponsável de gasto público, fruto das políticas do *Welfare State*. Os dois autores utilizam, cada um à sua maneira, a tese da ameaça em relação às estruturas econômicas e sociais dos Estados Unidos do pós-II Guerra frente ao aumento de gasto público.

Hirschman defende que essas três teses podem aparecer misturadas no debate público. Assim, um mesmo argumento pode conter elementos de perversidade, futilidade e ameaça, como exposto em seu capítulo 5. Nesse sentido, um dos pontos fortes do livro é a utilização de diversos autores – nem todos citados nesta resenha – para corroborar a identificação das teses da intransigência. Ao dialogar com o pensamento e o debate político dos séculos XVIII, XIX e XX, o autor nos oferece um livro rico de referências e exemplos da retórica conservadora que pode ser útil para pensar a contemporaneidade.

A leitura de *A Retórica da Intransigência* é rica, fluida, informativa e muito útil à Ciência Social contemporânea. Em um contexto em que se pergunta e pesquisa sobre o pensamento conservador e reacionário, e se levantam teses sobre o fim da democracia e os riscos da polarização política e o isolamento dos grupos sociais – sobretudo num contexto pandêmico –, a leitura de Hirschman é uma valiosa contribuição a graduandos e pós-graduandos para o entendimento dos discursos reacionários e conservadores. Ademais, é um grande exemplo e estímulo à pesquisa baseada nas análises qualitativas de discurso e de conteúdo.

Recebido em 01 de outubro de 2021.

Aceito para publicação em 11 de novembro de 2021.